



Palestra realizada na *Escola Secundária Sebastião e Silva*, em 20 de Fevereiro de 2001,  
pelo **Embaixador Dário Moreira de Castro Alves**,  
integrada na Semana Interdisciplinar *Homenageando Eça de Queiroz*

Com muito prazer e honra, aceitei o convite que me dirigiu o Centro de Recursos - Biblioteca Escolar da Escola Secundária Sebastião e Silva, em 17 de Outubro do ano passado, para aqui estar presente e participar, com uma palestra sobre a obra de Eça de Queiroz, precedida de um almoço queirosiano.

Escolhi como tema dizer algumas palavras sobre obras escritas no Brasil a respeito do autor de *Os Maias*, enunciando, de forma sucinta aqueles que já são por demais conhecidos de especialistas ou mesmo do público em Portugal, para deter-me um pouco mais sobre alguns recentes livros que, por não serem publicados em Portugal, ou pela condição mesma de serem mais novos, são aqui menos conhecidos. Abrirei uma exceção para dizer também algumas palavras a respeito do primeiro estudo biográfico e sobre a obra de Eça de Queiroz, surgindo no Brasil e antes de qualquer outro em Portugal, em 1911, como já o veremos.

Seria absolutamente ocioso assinalar quão divulgado e apreciado foi, é e certamente sempre será Eça de Queiroz em meu país -- se me permitem dizer, nosso país, porque, sendo o Brasil a maior realização de Portugal fora de seus limites, ao longo da história, e tendo sido especialíssimo o nosso relacionamento, é assim que falamos nós, brasileiros e portugueses: o nosso Brasil. Em vida, no século passado, Eça já era muito lido no Brasil, através de seus livros e na imprensa, onde artigos eram publicados e acompanhados com interesse pelo público brasileiro. Grandes homens de letras no Brasil se dedicaram depois a escrever sobre Eça de Queiroz, cabendo-me assinalar José Maria Bello, Constantino Paleólogo, Djacir Menezes, Berilo Neves, Arnaldo Faro, Aurélio Buarque de Holanda, Álvaro Lins, Gilberto Freyre, Lúcia Miguel Pereira, Manuel Bandeira, Clóvis Ramalheira, Viana Moog, Paulo Cavalcanti, Heitor Lyra, Luís Viana Filho. Elza Miné (especialista em Eça de Queiroz na imprensa brasileira). Beatriz Berrini tem escrito e continua a escrever sobre variados aspetos de Eça de Queiroz, no domínio da epistolografia, crítica, culinária. O livro de Heitor Lyra apresenta um amplo estudo em que são examinados praticamente todos os aspetos da vida e da obra de Eça de Queiroz que se relacionem com o Brasil. Paulo Cavalcanti aprofundou um tema importante sobre Eça de Queiroz e o Brasil, que é o da reação no Brasil, em desagravo do Imperador D. Pedro II pelos "insultos" que recebera n'*As Farpas*, quando de sua visita a Portugal em 1871. São publicados em Portugal *Eça de Queiroz, Agitador no Brasil*, de Paulo Cavalcanti; *O Brasil na Vida de Eça de Queiroz*, de Heitor Lyra, e *A Vida de Eça de Queiroz*, de Luís Viana Filho, e outros. De fundamental importância como estudo sobre Eça de Queiroz é o chamado *Livro do Centenário de Eça de Queiroz*, organizado por Lúcia Miguel Pereira e Câmara Reis, que conta com a colaboração de vários escritores brasileiros (como Gilberto Freyre, Aurélio Buarque de Holanda, Álvaro Lins, José Lins do Rêgo, Antônio Cândido, Lauro Escorel, Manuel Bandeira, Octávio Tarquínio de Sousa, Gilberto Amado e outros), ao lado de escritores portugueses e de outras nacionalidades, escreveram textos sobre os mais variados temas a respeito do grande escritor. De minha parte procurei explorar em três livros relativos à obra de Eça de Queiroz, livros que simultaneamente editei em Portugal e no Brasil, na década dos 80 e 90: *Era Lisboa e Chovia* (sobre ruas e locais diversos), *Era Tormes e Amanhecia* (dicionário de citações gastronómicas); *Era Porto e Entardecia* (dicionário de citações relativas a bebidas alcoólicas em geral, de absinto a zurrapa).

É de um brasileiro o primeiríssimo livro com o estudo da biografia e obra de Eça de Queiroz. Seu autor é Miguel Mello, nascido no Rio Grande do Sul, em 1877, falecido no Rio de Janeiro, em 1929, e o livro, intitulado simplesmente *Eça de Queiroz*, foi editado no Rio de Janeiro pela Livraria Italiana e Tipografia Ramori. A primeira edição – não me consta que tenham sido feitas reedições – é uma raridade bibliográfica e sou devedor da oportunidade de consultá-lo ao Arquiteto Alfredo Campos Matos, organizador e coordenador do monumental *Dicionário de Eça de Queiroz*. Acaba de sair, neste ano do centenário de falecimento, um alentado *Suplemento*, das mesmas proporções do *Dicionário*, e que traz um verbete sobre Miguel Mello. Esse primeiro livro sobre a vida e obra do autor de *Os Maias* precede de cinco anos a primeira biografia que apareceu em Portugal, de autoria de António Ferreira Cabral Pais do Amaral, numa época em que ainda muito se desconhecia sobre o grande escritor e sua obra, sobretudo porque parte apreciável dela somente nove anos depois de publicada a biografia de António de Cabral, em 1925, seria editada por iniciativa do filho primogénito de Eça, José Maria.

O livro pioneiro de Miguel Mello contém duas partes. A primeira, *Esboço Crítico*, apresenta matérias de interesse sobre o quadro da literatura à época, um perfil do escritor, as criações – de forma sumária – do biografado e questões de estilo, em que se ressaltam judiciosas observações sobre a arte de escrever do "pobre homem da Póvoa do Varzim", bem como um estudo sobre galicismos na sua obra. A segunda parte é dedicada à biografia – primeiros tempos, maturidade e últimos tempos. Os dados fundamentais do nascimento e começo da vida de Eça de Queiroz lá estão bem apresentados e compendiados. Ainda hoje – e quanta coisa de importante adveio depois sobre Eça, o homem e a obra! – se lê bem e com muito proveito o livro de Miguel Mello, que representa enorme esforço para a época em que eram decorridos apenas onze anos do desaparecimento do romancista, em que as fontes de informação eram menores do que hoje e considerando-se que o autor não estivera em Portugal. Por correspondência com António José de Freitas, Miguel Mello submeteu a José Maria Eça de Queiroz um questionário sobre aspetos relevantes a respeito do pai, o qual foi objeto de úteis respostas e testemunhos, em tempo encaminhados ao escritor no Rio de Janeiro. Começa a carta por assinalar que tinha ele apenas doze anos quando ocorreu a morte do pai em Paris; dizia José Maria, nos seus 22 anos, quando respondia ao questionário de Mello, que conhecera o pai sempre doente, "às vezes sofrendo terrivelmente", sem, porém, deixar-se dominar pela tristeza ou pela melancolia. Relembra que entre seus melhores amigos estavam notáveis brasileiros, como Eduardo Prado e Domício da Gama. É um livro escrito claramente em favor e em defesa de Eça, da sua obra, do seu estilo: "Sem nenhuma dúvida, era Eça de Queiroz um grande artista".

Também de muito interesse é uma obra de outro brasileiro, pouco mencionada ou comentada em Portugal, que é *Eça de Queiroz – Poesias*, de Vicente de Faria Coelho, publicada em 1973, no Rio de Janeiro. O livro consta de um volume com 233 páginas e cuja folha de rosto é apresentada como "Produção Poética". Pretende ser um repositório exaustivo sobre a obra poética do Eça, tanto da obra poética que ele assinou como autor, como a que é assinada por Fradique Mendes, seu heterónimo. Desde as *Notas Marginais*, publicadas em folhetim, na *Gazeta de Portugal*, de 23 de Março de 1866 e reproduzidas, com o mesmo título, nas *Prosas Bárbaras*, passando pelos *Versos do Senhor Diabo* (publicados também na *Gazeta de Portugal*, no ano seguinte); pelas poesias estampadas na *Revolução de Setembro*, dentre as quais a *Serenata de Satã às Estrelas* -- "Nas noites triviais e desoladas, / como vos quero, místicas estrelas!..."; pela *Balada do Rei de Tule*, em *O Mistério da Estrada de Sintra*, na voz da condessa..., uma vez ou outra por ela cantada – até às muitas produções poéticas postas na boca de personagens, tais como Artur Corvelo, Tomás de Alencar, Videirinha (em *A Ilustre Casa de Ramires*, com seus versos de amor e patriotismo), do Artur Couceiro (em *O Crime do Padre Amaro*), e outros.

Faria Coelho toma partido em favor da poesia na obra e na vida de Eça de Queiroz. Essa obra não é dispicienda, embora não possa suportar comparação com a excelência e a grandiosidade da sua prosa. Mas lá está ela, a realçar a ironia e, muito propositadamente, a mediocridade de certas personagens, a marcar a pieguice de outras, ou valorizar o lirismo português, como em certas quadras do Videirinha quando canta os sucessos de Santa Irinéia em *A Ilustre Casa*, ou a acentuar certas gabolices de alguns dos Ramires famosos.

É um estudo amplo e exaustivo da poesia que emerge da graça, do estro, do encanto de tão

grande número de personagens. Lendo-se o trabalho de Faria Coelho logo fica-se com a impressão de que a obra poética das personagens queirozianas é maior do que dá impressão antes de a ver reunida num repositório abrangente. E sobretudo, pela qualidade, vê-se que a poesia tem um papel singularmente importante, de natureza ancilar, complementar, na estruturação e na estética da grande prosa do imortal escritor.

Edmundo Moniz publicou em 1993, pela Livraria José Olympio Editora, do Rio de Janeiro, *As Mulheres Proibidas - O Incesto em Eça de Queirós*. É o autor nascido na Bahia, em 1911, tendo representado seu Estado natal no Congresso Nacional brasileiro como Deputado e como Senador; foi Governador da Bahia; licenciou-se em Direito no Rio de Janeiro. Com formação eclética, dedicou-se também a estudar a obra de Eça de Queiroz e sobre delicado e sensível tema escreveu a obra que ora passamos em revista. O tema é o do incesto (não consentido, como ocorre com *Os Maias*) mas de mãe com filho, que vem a ser a essência de *A Tragédia da Rua das Flores*. Como Eça de Queiroz disse em carta a seu editor, Ernesto Chardron, em 1877, o romance que ele anunciava era de muito superior ao *Primo Basílio*, e que o chamou de "uma verdadeira bomba literária e moral". Mas os amigos e editores se manifestaram contra a publicação do livro e o escritor o guardou na gaveta. O caso suscitaria de certo escândalo à época e Eça, não querendo abandonar de todo o tema, o explorou em outro romance, a obra monumental que é *Os Maias*, publicada onze anos depois daquela carta a Chardron, isto é, em meados de 1886. o incesto materno foi transformado, em *Os Maias*, em incesto de dois irmãos; como era óbvio, os dois romances eram distintos um do outro. Na opinião do autor, o romance *A Tragédia da Rua das Flores* contribui para a interpretação da vida anímica de Eça de Queiroz, constituindo a mais importante das suas obras póstumas. Opina Edmundo Moniz (e obviamente essa opinião deve ser partilhada por não poucos conhecedores da obra de Eça) no sentido de que *A Tragédia* não se iguala a *Os Maias*, "que é o que melhor se escreveu em língua portuguesa depois de *Os Lusíadas*". Ainda sempre de acordo com o autor, não se pode compreender o romance sem conhecer a vida de Eça de Queiroz. O tema básico é o incesto, do tipo de Édipo, de Sófocles, em outras circunstâncias, logicamente. É na infância que está, muitas vezes, a chave da interpretação da vida e da obra de uma personalidade relevante, dentro de uma concepção freudiana. No caso de Eça deve ter ele passado por um drama em sua infância, por lhe terem faltado os carinhos maternos. Por ser fruto de uma união livre foi omitida a declaração de maternidade (que, juridicamente, é um facto e não uma presunção como a paternidade) de tal modo que, na partida de nascimento de Eça, figura o nome do pai e referência a "mãe desconhecida". Nos primeiros anos, o menino foi criado pela ama Ana Joaquina Leal de Barros, brasileira, de Pernambuco, que o amamentou juntamente com a filha da mesma idade. Toda a soma de problemas psicológicos acumulados na vida de Eça desde a infância levam Moniz a dizer que *A Tragédia* foi o romance que Eça "trouxo no ventre". Moniz estuda e aponta minuciosamente situações em vários romances - seria impossível tentar aqui sequer resumi-las quando apresentamos também outros livros - para concluir que "Eça de Queiroz não podia libertar-se do complexo de Édipo que revela em quase todos os seus romances". Em *O Crime do Padre Amaro*, a mulher é interdita pelo voto de castidade sacerdotal do amante (Amaro); no *Primo Basílio*, a mulher é interdita pelos laços jurídicos de seu matrimónio. Para libertar-se do recalamento infantil - a criança separada da mãe por culpa desta - tinha Eça de Queiroz "necessidade de cometer conscientemente o incesto". E o romance *A Tragédia da Rua das Flores* foi o meio pelo qual o cometeu. Pode-se dizer que há um Eça antes e há um outro Eça depois da *Tragédia*. Vítor não mata o pai, como Édipo na peça de Sófocles. Foi o autor do romance (Eça) quem matou Pedro da Ega, pai de Vítor, tornando inevitável a união sexual de Genoveva e Vítor. O romance revela plenamente o complexo de Édipo que por muito tempo acompanhou Eça e constituiu o eixo de sua obra de ficção. É difícil dizer onde começa Vítor e termina Eça, ou vice-versa. A leitura do final do livro de Moniz faz transpirar alma e quase que o corpo também, tal a abundância de citações de dialogações dramáticas das personagens e da força de cenários que alinha para defender sua tese. Terá ido longe demais?

Frederico Perry Vidal, um português que mora no Brasil há vinte anos, utiliza, em 1995, em São Paulo, em seu livro *Os Enigmas n'Os Maias*, uma técnica muito interessante na sua composição. A partir de desenhos de um arquiteto brasileiro, Wladimir Alves de Souza, de uma vintena de personagens de *Os Maias*, tenta apresentar e decifrar os mistérios de cada uma delas. A ocasião foi a celebração dos 150 anos do nascimento de Eça, em 25 de Novembro de 1995. Na apresentação vem um estudo sobre o que foi o Clube do Eça que, em 1963, evocou o grande mestre com um jantar, réplica do oferecido por João da Ega ao banqueiro Cohen, no Hotel Central.

A reprodução de cada gravura das personagens suscita uma descrição (com citações do fundamental, que define tudo que seja relevante para identificá-lo, na figura como no enredo) e um comentário interpretador da descrição. As personagens – não apenas seres humanos – são: o ramallete, Afonso, Pedro, Carlos, Maria, a Toca, a Peliça, Mefistófeles-Ega, Alencar, Dâmaso, a Carta-Cruges, Guimarães, Eusebiozinho, a Gouvarinho, o Gouvarinho, Raquel Cohen, Jacob Cohen, Palma Cavalo, D. Diogo, Miss Sara, Steinbroken, ao todo 21 gravuras. É admirável o enfoque do tema de cada gravura, com textos meticulosamente selecionados, pelos quais as personagens são dissecadas, explicadas, esmiuçadas, comparadas. É obra que requer esforço, capacidade de detetar o que é relevante e exibir o essencial. O romance se desfaz num mosaico que ajuda a melhor formar uma visão parcelada, ao mesmo tempo que ajuda a formar uma visão global do mesmo. Um caleidoscópio em que o fragmentado rebrilha e a unidade da obra esplende, se afirma e se projeta. Num romance com vasta e variada gama de personagens, o processo facilita o entendimento do leitor comum, estudado ou reestudado o texto de Perry Vidal após leitura corrente da obra.

As personagens do *Os Maias*, fascinantes, estão muito bem descritas e sintetizadas no texto de Perry Vidal. Tudo de importante lá está em seu lugar. Mas não posso furtar-me a realçar, de entre as personagens, uma que é secundária, no conjunto – porque o conceito de secundário se baseia na condição de não ser o primeiro, ou dos primeiros –, mas que é de grande relevância no desatar de nós importantes da trama. Refiro-me ao Guimarães, o tio do Dâmaso, que seria rico, importante e influente, "amigo de Gambetta" segundo o sobrinho Dâmaso, mas que, no dizer de Maria Eduarda, a quem conhecera em Paris, é um "pobre coitado", que vivia de traduzir notícias para o *Rappel*. E acrescentava ela que o Dâmaso deveria ajudá-lo na vida tão miserável que levava o tio em Paris. Era o pobre Guimaran, o que embirrava que lhe estropiassem o nome, *Guimaran* na França, *Guimarini* quando esteve na Itália, *Guimaroff* seria se fosse à Rússia... Calçava luvas pretas, era velho, alto, com suas longas barbas de apóstolo, todo vestido de luto, uma leve cor na face larga e pálida, um imenso "chapéu de abas recurvas", à moda de 1830, carregado de crepe. O chapéu e a barba do Guimarães estão viva e fortemente retratados no desenho de Wladimir Alves de Souza, reproduzido no livro de Perry Vidal.

Mas o pobre do Guimarães (ou Guimaran, ou Guimarini, ou Guimaroff), se bem que um "pobre coitado" – e devia ser isto, Maria Eduarda é que devia ter razão – detinha na mão, trazida de Paris, a bomba que ia fazer estourar a história dos *Maias*. Sem que tivesse a consciência do papel que cumpria – era um inocente na trama –, trazia o Guimarães um cofrezinho, uma "caixita pequena" que a Monforte lhe dera, na véspera de partir para Londres, que dentro encerrava nada menos do que a carta que revelava, acima de qualquer dúvida, que Carlos Eduardo e Maria Eduarda, amantes, eram irmãos. Uma bomba ou, no dizer brasileiro destes dias, "pura dinamite". E a bomba explodiu, "feriu" e matou nada menos do que o velho Afonso.

Dagoberto de Carvalho Júnior é devoto de Eça de Queiroz, sobre o qual escreve, no Recife, Pernambuco, com frequência. Membro da direção da Sociedade Eça de Queiroz, do Recife, certamente hoje a cidade mais queirosiana do Brasil, colaborador fiel de seu Presidente, Pelópidas da Silveira, muito faz pela presença de Eça no nosso universo lusófono. A Sociedade deve sua fundação a Paulo Cavalcanti.

Dagoberto, médico, estudioso de artes plásticas (tem livros sobre a arte colonial em Oeiras, no Piauí, seu Estado natal), decidiu "catar" com zelo e minúcia as referências a manifestações de arte sacra na obra de Eça de Queiroz e pô-las no livro *A Cidadela do Espírito -- Considerações sobre a arte sacra em Eça de Queiroz*, publicado no Recife, em 1994, e lançado, em edição brasileira, em Oeiras, não a longínqua Oeiras do Piauí, mas o concelho nosso vizinho a Leste, entre Lisboa e Cascais. Assinala Paulo Cavalcanti que o livro de Dagoberto de Carvalho Júnior versa sobre tema que ainda não fora investigado por nenhum estudioso da obra eciana, em que praticamente tudo já fora esmiuçado, da vida, da morte, das doenças das suas personagens, dos elementos geográficos de sua obra, de sua carreira diplomática, quando de sua estada em Havana como cônsul, de 1872 a 1874, das suas ligações e relacionamento com o Brasil e com brasileiros. Examina Dagoberto, no que diz respeito à arte sacra, a presença de símbolos e imagens, a descrição que faz Eça, em sua obra, de igrejas e tipos religiosos, segundo nota Paulo Cavalcanti. Diz o próprio Dagoberto que seu livro "revela o espírito místico de Eça, que o realismo como religião de estética literária, tantas vezes, sacrificou ao anticlericalismo de sua geração". Quase ao concluir sua apresentação, diz Paulo Cavalcanti que, "para quem via Eça como avesso ao catolicismo,

quando sua idiossincrasia se voltava só contra o jesuitismo ultrapassado, o livro de Dagoberto é a descoberta de um ângulo inédito da obra queirosiana, trazendo para o Brasil, mais uma vez, a primazia da originalidade na sempre atual obra do criador de João da Ega". Em seguida ao comentário de Paulo Cavalcanti, vêm publicadas observações sob o título *Erudição e Rigor Científico*, da autoria do que vos fala.

Muito obrigado!

20.02.2001

Dário Moreira de Castro Alves